

"A Rainha" de Stephen Frears: O retrato constrangedor de uma realeza vulnerável

Hudson Moura



O filme **A Rainha** (2006) de Stephen Frears é minucioso ao expor um *portrait* realista da família real britânica, às vezes, constrangedor e irônico, num roteiro preciso. Mas, o que impressiona no filme é a sobriedade e a *finesse* com que trata as personagens – o trabalho da atriz Helen Mirren como a Rainha Elizabeth II é nada menos que memorável – e, a riqueza de detalhes dos bastidores da notícia: os acontecimentos palacianos que sucedem a morte da Princesa Diana.

O filme mostra como a morte da Princesa se tornou um problema de estado e de luta de poder entre o recém-eleito primeiro-ministro Tony Blair e a Rainha da Inglaterra. Enquanto ela tenta tratar do assunto como algo íntimo e reservado à família real seguindo o protocolo oficial, Blair pressente a grande proporção midiática do evento para ganhos próprios. O filme relata a engenhosidade sábia e oportunista de Blair ao nomear Diana, pela primeira vez, como a Princesa do Povo. Enquanto que a Rainha, ao subestimar o poder da mídia e do mito Diana perante o grande público, se desvenda como

uma pessoa vulnerável e rancorosa, e vê cada vez mais sua imagem ser obscurecida por uma “ex-princesa”.

Mesclando imagens de arquivo com imagens ficcionais, o filme apresenta um trabalho impecável nas passagens de imagens, num trabalho rigoroso e preciso do fotógrafo brasileiro Affonso Beato. O plano de abertura é maravilhoso e dá bem o tom do filme: a rainha está sentada posando com seu manto real para o pintor do palácio; após algumas réplicas de um diálogo afinado e irônico sobre a realeza, em plano fechado, enquadrando a barra do manto ao chão, a câmera sobe lentamente mostrando os detalhes da veste até enquadrar o rosto de Elizabeth II, que meio de perfil move em direção à câmera, fixando o olhar em direção à câmera, pintor-público. Ao lado de seu rosto surge o título do filme: *A Rainha*. Que ninguém tenha dúvidas: este é um filme britânico sobre britânicos com humor britânico.

Outra cena descreve bem o respeito que os britânicos têm pela monarquia e a realeza, é quando a rainha sentada sozinha, chora pela primeira (única) vez. A câmera não somente é discreta como se ausenta da “cena”, ou seja, não expõe o rosto de Sua Majestade em lágrimas.

Este é o primeiro filme importante que trata da morte controversa da Princesa Diana. O filme escolheu o caminho mais simples e eficaz, deixar as imagens da princesa e dos eventos se expressarem por si mesmos. Vemos desfilar na tela a imagem da princesa sendo duplicada e digerida por uma mídia ávida e impiedosa. E, a julgar pelas imagens da época e a comoção que elas trazem para a tela hoje, nenhuma ficção parece ser capaz de narrar tal evento ou reproduzir tal veracidade. Portanto, nada melhor que imagens documentais para testemunhar todo o circo em torno da supra-over-mediatizada família real. O filme, ao mostrar a mídia sob este ângulo,

através de suas próprias imagens, fica claro como ela cai sem cesse em sua própria armadilha: reflete sua própria imagem, num papel patético e redundante. A mídia é a notícia de um espetáculo narcisista, sensacionalista e *antropofágico*.

O timing do filme é igualmente impressionante, ao retratar a tomada de posse de Tony Blair justamente agora, no momento em que o mesmo se despede do cargo, não poderia ser mais apropriado. Aliás, o filme fecha com um diálogo entre Blair e a Rainha, justamente fazendo alusão a este momento (o reverso da medalha: o que hoje se clama como herói do povo, amanhã poderá ser acusado de vilão). Se no ápice da tragédia a rainha subestima a proporção de seus atos, no final do filme ela parece aprender bem a lição dos acontecimentos. Ela admite que este poderá ser um dos episódios que irá marcar o seu reinado, o qual este ano completa 50 anos. E, o retrato que o filme apresenta da Rainha da Inglaterra – diferente do *portrait* oficial do pintor – independente de sua autenticidade ou mesmo de sua ironia, é impietoso. Ele a flagra num momento de puro constrangimento e vulnerabilidade, mesmo que este tenha sido um episódio curto e passageiro. Mas, a julgar pela qualidade do filme este momento perdurará por muito tempo no imaginário coletivo.

Helen Mirren, no papel da Rainha, enriquece e valoriza cada gesto, olhar e emoção da personagem num trabalho minucioso e extraordinário de composição. Seu trabalho como Elizabeth II lhe valeu inúmeros prêmios incluindo Oscar, Golden Globes e Bafta de melhor atriz. Aliás, ela se especializou em interpretar nobres e este ano vem ganhando todos os prêmios também das televisões britânicas e americanas por um outro papel como rainha da Inglaterra, desta vez, pela minissérie *Elizabeth I*.

Vancouver, 05/10/2006